

SETE CRISÁLIDAS AZUIS: ANOTAÇÕES POÉTICAS EM UM TEMPO-CASULO

SIETE CRISÁLIDAS AZULES: ANOTACIONES POÉTICAS EN UN TIEMPO-CAPULLO

Viga Gordilho

Prof.^a Dr.^a da Escola de Belas Artes, UFBA

RESUMO

Estas anotações poéticas trazem algumas reflexões sobre os documentos de percurso para criação da obra “Sete crisálidas azuis” realizada, em um “tempo-casulo”, no outono de 2020. Entre experiências autobiográficas e conceituais, este artigo, semeia registros no processo criativo da construção de sete objetos artísticos. Na proposta, germino o pensamento visual operado com sintonia entre prática (experimentos com fibras, ouro e tingimento) e teoria (anotações e leituras), como borboletas no processo de metamorfose, tendo como referência inicial o escritor sueco August Strindberg.

PALAVRAS-CHAVE

CASULOS; CRISÁLIDAS; FIBRAS; AZUIS; METAMORFOSE.

RESUMEN

Estas notas poéticas traen algunas reflexiones sobre los documentos de trayectoria para la creación de la obra “siete crisálidas azules” realizada, en un “tiempo-capullo”, en el otoño de 2020. Entre experiencias autobiográficas y conceptuales, este artículo, cultiva registros en el proceso creativo de la construcción de siete objetos artísticos. En la propuesta, germino el pensamiento visual operado con sintonía entre práctica (experimentos con fibras, oro y teñido) y teoría (anotaciones y lecturas), como mariposas en proceso de metamorfosis, teniendo como referencia inicial a el escritor sueco August Strindberg.

PALAVRAS CLAVE

CAPULLOS; CRISÁLIDAS, FIBRAS, AZULES, METAMORFOSIS

Por muitos anos, guardei pequenos galhos de jacarandá-da-baía (*Dalbergia nigra*), recolhidos na Mata Atlântica do sul do estado, nas margens do rio Pardo. Houve um tempo em que tivemos de ficar em nossas próprias casas, devido à pandemia do vírus covid-19, o qual, neste artigo, denomino de *tempo-casulo*, considerando a casa, metaforicamente, como um envoltório, uma capa protetora à espera da metamorfose. O coronavírus assolou o mundo, ou melhor, ainda assola enquanto escrevo estas anotações e tento organizar meu atelier. Foi justamente durante essa tentativa que encontrei os referidos galhos de jacarandá. Algumas questões tomaram meu pensamento: Por que havia guardado aqueles galhos? Será que eles sinalizavam o tempo lento de crescimento dessa árvore centenária? O que seria este “tempo-casulo”?

Buscando algumas respostas, nestes dias em que atravesso tantas incertezas – embora desconheça a magnitude delas no futuro –, penso que as árvores de nossas cidades têm um importante papel de regularização climática e propiciam benefícios ecológicos comprovados. Talvez seja essa uma razão para olhar para nossas árvores com maior respeito e admiração. Todos os anos, deixo-me obviamente maravilhar por seu espetáculo de transformação, especialmente em 2019, quando pude observar, mais nitidamente, a mudança das estações, durante o meu estágio de pós-doutorado na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), recolhendo folhas sagradas cultivadas ainda hoje na Bahia, considerando que muitas delas foram trazidas pelos portugueses para nosso país.

Acreditando que toda experiência deixa indícios, rastros e memórias, em Porto, escutei Jorge Bondía Larrosa, professor de Filosofia do Departamento de Teoria e História da Educação da Universidade de Barcelona, quando ele faz a seguinte reflexão acerca da experiência, em seu livro *Tremores*:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p.12)

Assim, cultivando “a atenção e a delicadeza”, caminhei durante seis meses nas margens do Douro e, durante a estação do outono, diariamente recolhi folhas, nas trilhas percorridas entre vielas, ladeiras, becos e jardins, desde os Clérigos, onde residi durante a referida estadia, até a FBAUP. Após a secagem e a impermeabilização, as nervuras dessas folhas estabeleceram

aproximações visuais com as tranças nagôs (negras escravizadas, oriundas da costa da África, que falavam iorubá). Essas tranças, ainda usadas na cultura afro-brasileira, instauraram outras questões. Seria o trançado no cabelo das mulheres negras, no período da escravidão, códigos que traçavam trilhas para encontrar os quilombos¹? Seriam os desenhos dessas trilhas inspirados nas nervuras das folhas sagradas? Na tentativa de encontrar respostas artísticas para essas questões, as nervuras das folhas foram se aproximando do trançado dos cabelos usados pelas mulheres nagô, que, no período da escravidão, indicavam os caminhos dos quilombos. Em minha percepção, essas tranças de raiz, como também são conhecidas, traduzem, de forma inteligente, o caminho da liberdade, considerando que o Brasil apresenta, dentro do quadro escravagista, uma memória quase nunca registrada de resistência à escravidão. Essa resistência se manifesta concretamente através dos variados modelos de organização social e espacial, além de estratégias diversas encontradas pelos cativos em vários períodos da presença da escravidão no país. Na publicação *Partilha de Reflexões sobre as artes, a luta, os saberes e os sabores, da comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*, o professor José Carlos de Paiva, que, juntamente com a professora Teresa Almeida, supervisionou minhas pesquisas, diz:

Esclarecer as encruzilhadas do presente implica entender a complexidade da vida de sofrimento dos negros escravizados, a resistência silenciosa, o escape, a fuga e a submissão, bem como a persistente luta travada em condições de profunda desigualdade perante o poder dos fazendeiros e das autoridades coloniais, até mesmo perante os conflitos, com os pobres colonos que, na luta pela sua sobrevivência, aliam-se aos fazendeiros, comprados por suas promessas. É fundamental para esclarecer a importância dos quilombos na luta pela abolição da escravatura, o desmascaramento do racismo ignóbil, a luta contra o oculto na História do Brasil e de África. (Paiva, 2017, p. 41)

Assim, musgos, nervuras, vidro, transparências, fragilidades, galhos, tranças e quilombos foram se expandido dos desenhos até povoarem objetos de vidro, que registram, em si, as marcas de todo o processo, deixando, por vezes, o azul ultramar e o magenta pigmentarem alguns desenhos. Nesse processo, o vidro permitiu ver o que está além da matéria, como nos fala Umberto Eco: “A matéria torna-se não só apenas o corpo da obra, mas também o seu fim, o objeto do discurso estético” (Eco, 2008, p. 202).



Figura 1 – *Série: ComparTRILHamentos poéticos* (detalhe).

Desenho, linha, ouro, vegetal e pigmento ultramar sobre papel fabriano 198 x 140 cm Porto, outono 2019.

Testei expandir as possibilidades do vidro a partir da técnica do *Klin-casting*, o que me permitiu modelar os protótipos em argila, preparar o molde com uma mistura de gesso, sílica e fibra de vidro, e criar cada folha com grãos de vidro como *pâte de verre*².

Trabalhei na forma e no volume de 99 objetos, trazendo, para o espaço, as sombras geradas pela superposição das lâminas, cuja mobilidade de caracteres é intercomunicante e se transmuta em campos de investigação, produzindo novas sequências de espaços e tempos diluídos.



Figura 2 – *Trilhas de cristal* (detalhe da instalação no Museu da FBAUP).
Pâte de verre: 99 objetos de vidro, dimensões variadas Porto, outono 2019.

Assim, conectei tempos irreconciliáveis, perspectivas contraditórias e caminhos diversos, a partir dos quais pude também me reinventar, pois acredito que, no panorama da descolonização, é possível articular, cada vez mais, conhecimentos sociológicos e artísticos, na perspectiva de questionar o sentido da invisibilidade das distintas identidades de grupos étnicos, e o apagamento de sua produção artística.

Os resultados parciais das pesquisas realizadas no pós-doutorado foram apresentados em congressos: “Diversidade Escondida, arte & ciência”, exposição de artes plásticas sobre biodiversidade não óbvia, Lisboa; International Sostenibilia Network Seminar on “Total connections, How the social morphology changes in the age of the 5G”, Roma; e, brevemente, em “Diálogos entre Brasil e Portugal – o ensino artístico que temos e o que queremos”, Porto. Estão também no prelo três publicações: “*Glass trails* – travel documents, records and reflections of a post-doctoral study conducted at the Faculty of Fine Arts, Porto University”,

“Transparências poéticas: trilhas de cristal compartilhadas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto” e “Entr(e)folhas: uma oficina como atividade reflexiva”. Todo o processo da pesquisa foi apresentado no espaço “o Museu”, da FBA, de 13 de dezembro as 17h, ficando em exposição até o dia 19 de dezembro.

Passados quase quatro meses de meu retorno ao Brasil, aqui estou eu, depositando os galhos de jacarandá, sem folhas, sobre minha mesa de trabalho, enquanto termino a organização do atelier, lembrando de Cecília Salles:

A criação como processo relacional mostra que os elementos aparentemente dispersos estão interligados; já a ação transformadora envolve o mundo como um elemento inferido é atado a outro. Os elementos selecionados já existiam, a inovação está no modo como são colocados juntos, ou seja, na maneira como são transformados. (Salles, 2006,35)

Buscando, então, alcançar uma sintonia entre meu transito europeu e o ritmo solitário, no “tempo-casulo” que agora vivencio, logo me dei conta de que a vida e a arte são inseparáveis, o que me faz evocar o escritor sueco August Strindberg (1849-1912): “No fundo, é isso, a solidão: envolvermo-nos no casulo da nossa alma, fazermos-nos crisálidas e aguardarmos a metamorfose, porque ela acaba sempre por chegar.” (citação encontrada em *Ensaio sobre a solidão*, de Graça Mourão, Clube de Autores, 2009).

Anotei, em meu diário, os vocábulos: *solidão*, *casulo*, *crisálidas* e *metamorfose*, tomando os galhos de jacarandá em minhas mãos, como se fossem lagartas que se prendem pela porção posterior de seu corpo através de fios de seda para iniciar a formação da crisálida, sob movimentos que se projetam, produzindo desvios, ramificações e expansões de percursos, em analogia a prática artística. Iniciei assim, um trabalho com fibras de algodão, acondicionando folhas entre elas, buscando alimentar os instantes que vivia e as lagartas fictícias.



Figura 3 – Primeiros estudos (visões frontal e lateral): fibras, folhas e galhos de jacarandá.
Dimensões variadas. Salvador, outono 2020

Observando esses primeiros estudos realizados (Fig. 3), percebi que precisava proteger e compactar melhor os objetos. Então, iniciei um processo de modelagem, lentamente, visto que, como utilizei a mesma fibra de algodão e cola de metil celulose (CMC), foi preciso esperar a secagem de cada camada para buscar o endurecimento da forma, consequentemente, a proteção e a consistência que intencionava.



Figura 4 – Processo de modelagem da primeira crisálida.
Salvador, outono 2020.

Nesse percurso, minhas pequenas “Crisálidas” foram sendo geradas...



Figura 5 – Processo de modelagem das sete crisálidas. *Salvador, outono 2020.*

Como escrevi no artigo “Jardins azuis: memórias cultivadas na infância”, publicado nos Anais do 26º Encontro da ANPAP, a cor azul está sempre colorindo minhas lembranças.

No meu imaginário, ainda guardo as cores, os sons, os cheiros e as formas distintas, especialmente a cor azul, com a qual a vó Domnina ambientava a trezena de Santo Antônio, realizada a cada ano, de 1º a 13 de junho. Eram bordados e rendas elaborados cuidadosamente com “a seda azul do papel que envolve a maçã”. Essa era especial, por ser a única cor que não existia nos jardins. “E aquela num tom de azul quase inexistente, azul que não há, azul que é pura memória de algum lugar” (VELOSO, Caetano, *Trem das Cores*, 1982). (Gordilho, 2017, p. 4111)

Somando essas memórias, as crisálidas, gradativamente, foram também tingidas de matizes azuis.



Figura 6 – Processo de tingimento das fibras de algodão no atelier.

Lembrei também que, durante uma temporada como professora visitante na Universidade Provincial de Córdoba, na Argentina, em 2016, havia recolhido e tingindo lã de carneiro em tons de azul. Passei, então, a incorporar, os fios a cada modelagem, buscando movimento e leveza.



Figura 7 – Sete Crisálidas Azuis (detalhes).

Pude refletir, no processo, que o tempo, mesmo sendo heterogêneo e contendo lacunas, espacialidades distintas e saltos sociais e culturais, pode trazer uma continuidade no pensamento visual. Outra questão significativa que observei, no percurso criativo, é que,

quando, na obra, entrelaçamos matéria, memória e conceito, ela se torna uma tríade significativa para a arte contemporânea.

Assim, no encontro da “leveza” e da “fragilidade”, os questionamentos práticos e conceituais foram constituindo as urdiduras e as tramas do processo. Para refletir sobre a construção desses “tecidos”, foi importante ler sobre o processo de metamorfose da lagarta, pois elas apresentam um corpo alongado e cilíndrico, com cores variadas e, muitas vezes, pelinhos que causam alergias e queimaduras quando tocados. Durante essa fase da vida, esses animais alimentam-se intensamente das folhas de vegetais. É dessas folhas que a lagarta tira seus nutrientes e a água de que precisa para sobreviver. A borboleta fica na forma de lagarta de 1 a 8 meses, aproximadamente, dependendo da espécie.

Durante o estágio de lagarta, ocorrem várias mudanças de pele enquanto o animal cresce, geralmente de cinco a oito mudanças. Depois de algum tempo, como já referenciei, a lagarta prende-se pela porção posterior de seu corpo através de fios de seda e inicia-se a formação da crisálida – um estágio imóvel, em que o animal sobrevive graças às reservas nutritivas acumuladas na fase de lagarta. O estágio de crisálida pode durar de uma a três semanas, dependendo da espécie observada.

Fui, então, acrescentando um pouco de ouro na obra...



Figura 8 – Sete Crisálidas Azuis (detalhes)
Detalhe da colocação do ouro sobre as fibras.

Nesse percurso, formatei sete crisálidas. Solidão? Desejo de metamorfose do nosso planeta? Agora, não tenho respostas. A única certeza é que a obra surgiu em um *tempo-casulo*, na busca de transformação. Como capturar esses instantes, esses movimentos tão lentos? Essas questões permearam meus dias de quarentena.

Nessas vertentes, tendo como semente os *Jardins azuis*, finalizo este artigo trazendo as Sete Crisálidas Azuis, agora seladas em pequenas caixas de acrílico de 39 x 10 x 8 cm.

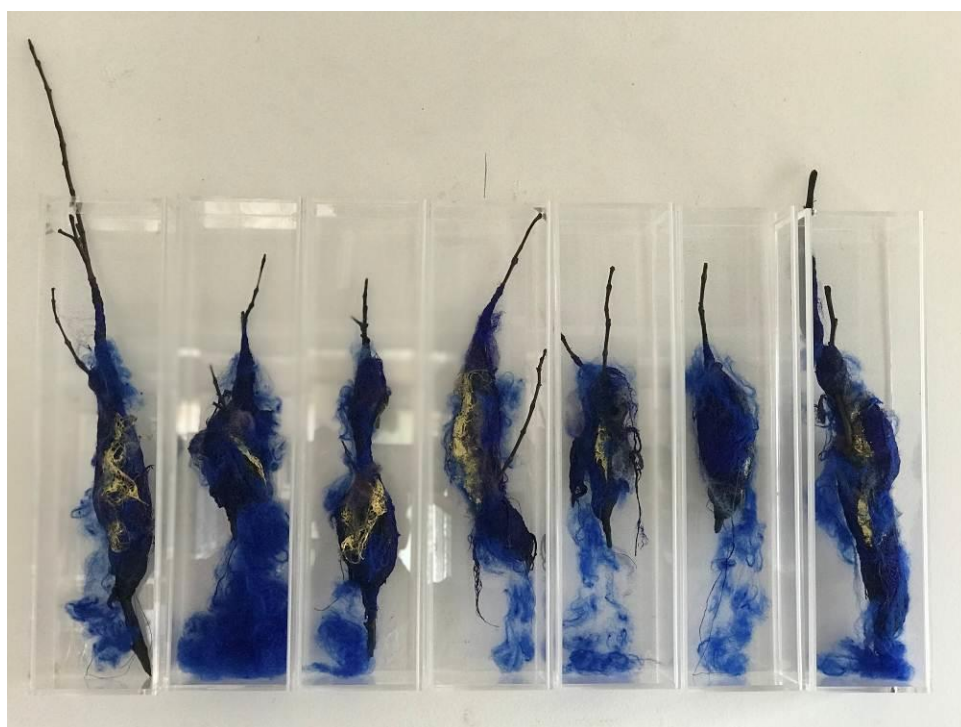


Figura 9 – “Sete Crisálidas Azuis”

Fibras, corantes azuis, lã, ouro e galhos de jacarandá recolhidos nas margens do rio Pardo. dimensões variadas, Salvador, Outono, 2020.

Percebi, com essa obra, que o alcance de uma dimensão do tempo-espço pode ser acentuado com o procedimento instaurador do trabalho, que passa pela técnica, mas também pela viabilização de ideias, concretização do pensamento.

Com a apresentação dessas anotações, acredito que o processo de criação inserido na memória, parafraseando Cecilia Salles, alcançou o âmbito coletivo, como mecanismo de conservação, transmissão e elaboração da poética. Reconheço que essas práticas me colocaram diante de um campo fértil para reflexões e debates acerca das potencialidades, preciosidades e fragilidades inseridas na natureza. A poética não foi criada de uma só vez, mas se potencializou por aproximações, acréscimos, acumulações e superposições, gerando, no imaginário, a ideia de que as crisálidas se conscientizaram do ar, e as borboletas se dispersaram para um novo tempo que está por vir. Eu acredito.

Notas

¹ Geralmente, em lugares de difícil acesso, por vezes próximos a engenhos, juntavam-se formas distintas de economia e muitos canteiros de plantas sagradas. Eram os quilombos, com fugitivos formando comunidades particulares, com religiosidade própria.

² Técnica em vidro com utilização de diferentes granulometrias que, aliadas à variação de temperatura final, possibilitam uma panóplia de resultados distintos.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Coleção Educação: Experiência e Sentido. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2002.

ECO, Umberto. **A definição da Arte**. Lisboa: edições 70, LDA 2008.

PAIVA, José Carlos de. *Partilha de Reflexões sobre as artes, a luta, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas*, Porto: isADS, 2017.

GORDILHO, Viga. **Terra Homem Signo, Uma Criação Plástica com Fibras, Pigmentos e Corantes naturais Brasileiros associados a possibilidades sintéticas**. Dissertação do Mestrado em Artes EBA/UFBA, com dois volumes: Universo Técnico, 103 p. e Universo Imaginário, 43p., com ilustrações. Salvador, 1995.

SALLES, C. A. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. Ed. 4. SP: Annablume, 2009.

SALLES, C. A. **Redes da Criação: construção da obra de arte** – Cecilia Salles. São Paulo: HORIZONTE/ VINHEDO, 2008. 176 p.

VELOSO, Caetano. **Trem das cores**. Rio de Janeiro: Polygram, 1982.

Sites consultados:

<https://www.pensador.com/frase/MjlzNTMw/>

<http://www.pdf Livros.com.br/2015/11/confissoes.html>

<https://escolakids.uol.com.br/ciencias/metamorfose-das-borboletas.htm>

<https://clubedeautores.com.br/livro/ensaio-sobre-a-solidao>

Viga Gordilho

Artista visual e Professora da EBA-UFBA. Realizou exposições individuais e coletivas em espaços culturais, museus e instituições, em várias cidades brasileiras, africanas e europeias. Autora de livros, textos e artigos sobre processos criativos. Membro da ANPAP – Associação Nacional e Pesquisadores em artes Plásticas desde 1996 e membro da Academia de Ciências da Bahia. vigagordilhofba@gmail.com <https://vigagordilho.wixsite.com/arte>